

Versión digital en :
<http://www.uam.es/mikel.asensio>

Museologia (d)e Género

Aida Rechená

Museu de Francisco Tavares Proença Júnior.

Resumo: Iniciamos este artigo com uma reflexão teórica sobre os conceitos de Museologia e de Género. Trabalhamos o impacto teórico e metodológico da integração de uma perspectiva de género sobre os elementos definidores do campo científico da museologia: os seres humanos, os bens patrimoniais e o espaço (museal). Concluimos com a possibilidade de trabalharmos no âmbito de uma “museologia de género”.

Palavras-chave: Museologia, Museus, Género, Igualdade, Mulheres

Abstract: *We begin this article with a theoretical reflexion on the concepts of Museology and Gender. We present the theoretical and methodological impacts of and integrated gender perspective upon the elements that define the scientific field of museology: the human beings, the cultural heritage and space (the museum). Finally, we present the possibility of working within the framework of a “Gender Museology”.*

Key-Words: *Museology, Museums, Gender, Equality, Women*

Introdução

A relevância cultural, social e política das questões decorrentes da incorporação da categoria analítica gênero nas diversas ciências humanas e sociais, conduziu-nos a pesquisar e analisar as consequências de uma secundarização do papel das mulheres na teoria e prática museológicas. Levou-nos ainda a procurar saber como pode a museologia incorporar a categoria analítica gênero contribuindo dessa forma para resgatar a memória e os patrimônios femininos e contribuir para a igualdade de gênero que a sociedade contemporânea tanto anseia.

Desenvolvemos uma pesquisa segundo a ótica e a crítica femininas da museologia, entrando naquela franja temática que tradicionalmente diz respeito à mulher considerada um dos vértices das complexas relações de gênero.

Ao abordarmos as relações entre a museologia e a categoria de análise gênero sob uma ótica feminina pretendemos avaliar a possibilidade de desenvolver uma metodologia que utilize um olhar feminino sobre o trabalho museológico para resgatar da sombra esse universo “apagado” ou esquecido e contribuirmos para o surgimento progressivo de uma “museologia de gênero”.

Museologia: desafios de uma definição

Definimos Museologia como aquela área do conhecimento que investiga a relação entre os seres humanos com os bens patrimoniais, relação essa que ocorre num espaço que habitualmente é o museu. Aceitamos desta forma uma matriz teórica ternária composta pelos elementos sujeito / bens patrimoniais / espaço que delimitam o campo da museologia.

Na contemporaneidade a museologia aceita e reflete sobre a hibridação cultural, a multiculturalidade, a relação entre a memória e o poder, os impactos da globalização nos patrimônios culturais a preservar; aceita que o objeto do museu vá muito mais além do que a pesquisa e a recolha de coleções, colocando a(s) pessoa(s) no centro das suas preocupações.

Desta forma o entendimento da museologia como a ciência ou disciplina teórico-prática que trata de tudo o que respeita aos museus, à sua história, missão e organização está ultrapassada e hoje trabalha-se uma conceção de museologia com uma vincada função social, atuante na comunidade e tomando como ponto de partida a prática social e não as coleções, a ponto de falarmos em Sociomuseologia. Decorrente desta alteração do entendimento da museologia também os museus são hoje definidos e vividos como instituições sociais ativas que refletem e

transmitem aquilo que se passa na sua envolvente, integrados na dinâmica histórica e fundamentais na modelação das identidades sociais. São considerados participantes ativos e não observadores passivos, responsáveis pela mediação das estratégias de identificação e apropriação do património e não meros locais de armazenamento de coleções ou memórias.

O aparecimento duma “Nova Museologia” que se consolidou como área disciplinar do conhecimento na década de setenta do século XX, deu-se num período em que as ciências sociais passaram por marcadas mudanças epistemológicas, naquilo a que Boaventura Sousa Santos (1989) chamou de “transição paradigmática”, que favoreceu o surgimento de “teorias emergentes”.

Ângela Arruda (2002) ao analisar o aparecimento dessas teorias emergentes considera existirem várias características comuns a todas como a ligação a realidades específicas, a questões e a problemas concretos. Verifica que as teorias emergentes entram em conflito com as previamente existentes, recebem benefícios da “transição paradigmática” que abre brechas nos campos científicos constituídos e, como última característica, passam por um período de latência entre o aparecimento das ideias fundacionais e o desenvolvimento da sua aplicação.

Também a “nova museologia” surgiu na sequência da constatação de uma crise dos museus resultante da inexistência de ligação entre estas instituições e as comunidades onde se inserem, ou seja, da falta de ligação à realidade. Questionou-se o museu, o seu lugar na sociedade, a sua relação com as pessoas e com o meio ambiente e alargou-se substancialmente a noção de património.

Vários movimentos e associações foram determinantes para o surgir desta nova museologia de forte carácter social a que hoje chamamos “Sociomuseologia”. Refira-se o MINOM (Movimento Internacional para uma Nova Museologia), a MNES (Muséologie Nouvelle et Expérimentation Sociale) e o ICOFOM (Comité Internacional do ICOM para a Museologia) que produziram documentos e reflexões de grande impacto na alteração do pensar e do fazer museológicos.

Apesar deste enfoque nas pessoas continua a verificar-se um deficit de atenção por parte da museologia relativamente às questões de género e se hoje existe uma antropologia de género, uma história de género, uma psicologia de género, uma arqueologia de género, ainda é raro falar-se em “museologia de género”. Numa pesquisa efetuada na internet nas línguas inglesa, francesa, espanhola e portuguesa através do motor de busca Google, encontramos uma única referência

a “gender museology” postada a 15 de Maio de 2010 no blog “womeninmuseum.net/blog”. Trata-se concretamente duma proposta de um curso de formação profissional a realizar em Nápoles e designado “Gender Museology and History of Women”.

Género como categoria de análise

A categoria analítica “género” apesar de incorporada em tempos relativamente recentes nas ciências humanas e sociais tem já uma história que decorre das sucessivas análises teóricas, interpretações e utilizações de que foi objeto em várias ciências.

Ao fazermos uma síntese desta evolução percebemos que uma primeira abordagem aos estudos de género considera-o uma construção social. Desenvolvido no seio dos movimentos feministas de “segunda vaga” pretende-se com a adoção desta categoria, ultrapassar as visões essencialistas da diferença dos sexos que consistem em atribuir características imutáveis às mulheres e aos homens em função das características biológicas. Esta naturalização da condição de ser mulher e de ser homem tem como consequência a permanência da desigualdade entre homens e mulheres baseada no papel desempenhado por elas na procriação e na reprodução da espécie (Bereni, 2008).

O género nesta perspetiva anti-essencialista está no centro do pensamento de Simone de Beauvoir (1949) ao considerar na obra “O Segundo Sexo” que a essência da feminilidade é uma aprendizagem ao longo da vida dos comportamentos socialmente esperados duma mulher e não uma condição inata.

Numa segunda abordagem aos estudos de género este é entendido num contexto relacional. Ao considerar que as características associadas a cada sexo são socialmente construídas numa relação de oposição entre homens e mulheres, depreende-se que não se pode estudar o que depende das mulheres e do feminino sem articular essa análise com o que depende dos homens e do masculino. O género passa dessa forma a englobar os estudos sobre homens e a construção da masculinidade (Bereni, 2008).

Alguns setores dos estudos feministas criticam esta perspetiva acusando-a de se tratar de uma forma encapotada de destacar e sobrepôr o masculino relativamente ao feminino.

A terceira abordagem aos estudos de género insere-o numa relação de poder. Consiste em compreender as relações sociais entre os sexos como uma relação

de poder, sendo essa relação hierarquizada e historicamente de dominância masculina. O entendimento da relação entre o gênero e o poder só é perceptível quando se clarifica o papel das mulheres na sociedade ao longo da história e a forma como os homens têm controlado os papéis sociais da mulher (papéis de gênero) através da divisão sexual do trabalho e da estreita associação entre a mulher e a maternidade.

A quarta abordagem aos estudos de gênero considera-o numa dimensão de interseccionalidade com outras categorias de relações de poder como a classe, a raça/etnia e a idade. Nesta abordagem os estudos de gênero apontam para a relação multicategorial e de interdependência entre o gênero e as outras categorias sociais que definem a relação social entre seres humanos. Ou seja, não se pode analisar apenas a questão das mulheres como uma categoria de características universais, mas nas especificidades das relações com a raça/etnia, a classe social e a idade, numa interação entre as categorias sociais, o território e o tempo.

Naquela que podemos considerar como uma quinta abordagem fala-se duma crise do conceito caracterizada por uma problematização do gênero que coloca em causa a sua operacionalidade na análise social (Stolcke, 2000; Tubert, 2003; Trillo-Figueroa, 2009).

Independentemente das diversas abordagens e do debate continuado sobre a utilidade da categoria analítica, consideramos que o gênero permite estudar os papéis sociais, os estereótipos e as relações de poder em cada sociedade, possibilitando um entendimento da relação e da construção das categorias sociobiológicas (masculinidade, feminilidade, androginia e outras). Ao centrar-se no conhecimento das pessoas - um dos vértices definidores do campo científico da museologia - o gênero surge como uma das categorias essenciais para os estudos museológicos.

Existe uma “Museologia de Género”?

Ao introduzirmos a categoria de análise gênero no âmbito da investigação em museologia as consequências sobre os elementos da matriz teórica parecem-nos profundas.

Tomemos em primeiro lugar o sujeito. Uma das consequências imediatas da introdução duma perspetiva de gênero na museologia é a inclusão e, do ponto de vista da nossa investigação, a inclusão da mulher. A museologia inclui o estudo da relação de homens e mulheres (e das outras categorias socioculturais de ser

peessoa) com o património. Não podemos continuar a utilizar uma definição de pessoa que seja generalista, como o “sujeito”, o “indivíduo”, o “Homem” e devemos procurar evitar cair na armadilha do falso neutro.

Podem argumentar que “Homem, Indivíduo, Sujeito” inclui homens e mulheres não havendo por esse facto necessidade de especificar. Mas, como aponta Barreno (1985), “Homem” quer dizer em simultâneo ser humano e ser humano do sexo masculino e “Mulher” apenas quer dizer ser humano do sexo feminino. E continua:

“(…) a própria assimetria - uma palavra com dois significados, outra só com um - mostra que não se trata de um conceito igualitário (...). Tudo concorda para que se torne claro que uma das primeiras categorias de poder, é o direito à nomeação.” (Barreno, 1985, 84).

Ao introduzirmos uma perspetiva de género na dimensão social da museologia asseguramos o direito à nomeação e nenhuma construção sociobiológica do ser humano (aqui incluindo mulheres, homens, andróginos, transexuais, transgénero, etc.) fica excluída da análise. Não com o sentido de considerarmos as mulheres como um objeto de estudo da museologia, mas numa perspetiva de género integradora, valorizando igualmente as diferenças, as contribuições, as realidades e os simbolismos de homens e mulheres em cada sociedade, tempo e espaço determinados.

Ficamos dessa forma perante uma transformação e aprofundamento do conhecimento e não um mero alargamento do objeto de estudo da museologia. Introduzir uma perspetiva genderizada no vértice social da definição de museologia conduz a uma multiplicação das abordagens ao estudo da relação entre esse elemento matricial com os dois restantes: os bens patrimoniais e o espaço / museu. A museologia deve tomar em consideração que a relação de homens e mulheres com o património e com o espaço/museu não é igual e que essas relações diferem ainda mais quando as cruzamos com outras categorias analíticas promotoras da desigualdade como a raça/etnia, a idade e a classe social. Essa distinção na relação com os bens patrimoniais advém em grande parte dos papéis sociais atribuídos a mulheres e a homens estando estes associados aos meios produtivos e ao controlo da produção e as mulheres não.

Também a tradicional vivência do espaço público destinado aos homens e do espaço privado às mulheres tem como consequência um relacionamento distinto com os bens patrimoniais. É nesse sentido que concordamos com as palavras de Per Uno Agren (2001):

“(...) cada indivíduo alberga o seu próprio museu; cada pessoa é formada, preenchida e constantemente influenciada por contra-correntes de impulsos ao longo da sua vida e, conseqüentemente, é representativo de um lugar, de uma idade, de uma geração.” (Agren, 2002, 22).

“Genderizar” o vértice social da museologia implica um cuidado especial com a linguagem utilizada ao referir-nos às pessoas participantes nas ações museológicas ou por elas representadas. Sabemos que quando utilizamos uma linguagem “neutra” num processo de comunicação, estamos efetivamente a referir-nos ao modelo masculino dominante. Investigadores como Foucault (2001) ao estudar o papel do discurso na construção da realidade, sugere que parte das diferenciações existentes no nosso entendimento do papel de homens e mulheres resulta da linguagem utilizada para descrever essa realidade.

Se é certo que ao longo da existência da humanidade a participação de homens e mulheres na construção da sociedade é paritária, ou seja, ambos contribuem de igual forma nessa construção, aquilo que é desigual é a forma de descrever e registar essa participação, que favorece e valoriza predominantemente a participação e a contribuição masculinas.

As categorias “mulher” ou “homem” alteram-se no tempo e no espaço. Mas em ca-da tempo e em cada espaço, coexistem entre si e numa relação de interseccionalidade com as outras categorias socioculturais, refletindo uma multiplicidade de entendimentos daquilo que é ser homem e ser mulher. Esta multiplicidade deve ter um lugar na análise museológica que assume o ser social, a pessoa como a sua principal preocupação.

Tomando agora os bens patrimoniais como o segundo vértice do ternário matricial definidor da museologia, o género como categoria de análise e realidade cultural conduz a um significativo alargamento das categorias patrimoniais representadas em museus e a uma necessidade de reinterpretacão dos patrimónios já constituídos e musealizados.

Há áreas patrimoniais, mais especificamente aquelas relacionadas com o poder (político, militar, administrativo, económico), que privilegiam o ponto de vista masculino. A dimensão de género conduz a um repensar do processo de constituicão das coleções patrimoniais e a incluir o ponto de vista feminino na análise das mesmas.

Se a museologia estuda a relação do ser humano com o património num determinado espaço, esse estudo tem sido caracterizado por um tom de neutralidade, ou seja, não se estuda a relação com o património tomando em consideração as especificidades dos seres humanos (homens, mulheres e outras categorias socioculturalmente construídas), nem os diferentes impactos que os patrimónios têm em cada um.

Quando, por exemplo, se aborda a relação feminina com os patrimónios remete-se o estudo para recortes marginais das áreas patrimoniais relacionadas com a domesticidade, as relações de parentesco e a maternidade, em museus de traje ou exposições etnográficas com reconstituições dos espaços domésticos.

A história dos museus no tocante à seleção patrimonial tem uma forte componente de exclusão: dos pobres, de determinadas raças/etnias, religiões e das mulheres. É necessário decidir que bens patrimoniais vamos recolher no presente para salvaguardar as memórias e as identidades excluídas, incluindo as femininas. Tão importante quanto esta recolha será questionar os acervos já constituídos sob uma perspetiva de género e sob um olhar feminino.

Debrucemo-nos em seguida sobre o terceiro vértice da matriz definidora da museologia, o espaço onde ocorre a relação com o património.

Como demonstrou Joan Scott (1985) o género é uma forma primária de significar relações de poder e cremos que a dimensão espacial se relaciona diretamente com as relações de poder e o exercício do poder.

Se considerarmos que o vértice definidor do ternário matricial relativo ao espaço é um museu, sabemos que estas instituições são desde a sua “invenção” símbolos do poder político, o que na sociedade ocidental significa o poder masculino (androcêntrico), são marcos territoriais e espaciais desse poder e espaços de memória do poder.

Ao introduzirmos a categoria género no campo de análise da museologia, podemos questionar qual a imagem que tanto as mulheres como os homens fazem ou constroem desse espaço/museu, quais as vivências de homens e mulheres no espaço/ museu e qual a relação deste com o entorno e com as outras instituições de poder. Outra questão pertinente é analisar o museu como o local de trabalho onde os homens antes exerciam o seu papel de investigadores e estudiosos e hoje as mulheres passaram a exercer o seu papel de educadoras e cuidadoras. E sendo

aparentemente as mulheres a maioria da força de trabalho nos museus atuais, a perspectiva de género conduz-nos a questionar como interrogam e se relacionam as mulheres com as coleções que representam o universo masculino ou foram constituídas por homens.

Mas se entendermos que o espaço onde ocorre a relação entre o sujeito com os bens patrimoniais é o território, a introdução da categoria género leva-nos a analisar a forma como vivenciam as mulheres e os homens esse território; quem detém a propriedade e a utilização dos recursos territoriais; qual o impacto sobre o território das atividades atribuídas e desenvolvidas pelos homens e o impacto daquelas desenvolvidas pelas mulheres; como se distribuem os homens e as mulheres por esse território.

Se pensarmos por um momento sobre a maioria dos bens culturais imóveis classificados como monumentos nacionais, veremos que se trata de edifícios associados ao exercício do poder masculino, tais como castelos, igrejas, palácios, que marcam de forma impositiva os territórios envolventes, constituindo-se em referentes da identidade e da memória coletiva (masculina). Mas o território e o espaço podem ser considerados numa forma distinta da dimensão física, geográfica e natural já que o território é também um espaço constituído, um suporte de memórias, de sensações e de experiências, um resultado das vivências e identidades. Nesse sentido o território tem inscrito valores simbólicos, afetos, patrimónios, tradições, ou seja, a vida. O território assim compreendido é distinto e assume significados diversos conforme se relaciona e confronta com a mulher ou com o homem, decorrente da vivência social e das formas de apreensão do espaço pelas pessoas.

Conclusões

- As consequências para a museologia da integração de uma perspetiva de género sobre os elementos definidores da matriz teórica são, em síntese, as seguintes:
 - A transformação e a ampliação do conhecimento museológico;
 - A multiplicação das abordagens ao património e a ampliação das categorias patrimoniais;
 - A museologia também considerada como o estudo da relação das mulheres com os bens patrimoniais;
 - A seleção patrimonial inclusiva com processos de recolha participativa e desagregada por sexos;
 - O território considerado como espaço constituído, suporte de memórias, sensações e experiências e resultado de vivências e identidades femininas e masculinas (e outras).

Gostaríamos de afirmar que estas consequências apontam já para uma “museologia de género”, mas neste momento em que a investigação sobre museologia e género carece de uma maior atenção, aprofundamento e debate, parece-nos suficiente propor aos investigadores que procedam à submissão dos conceitos basilares da museologia a uma rearticulação e reapreciação críticas sob uma perspetiva de género, tendo como objetivo a visibilidade e a inclusão das mulheres em todas as acções museológicas.

Referencias Bibliográficas.

Agren, Per-Uno. (2002). Rede de Museus - problematização conceptual. In: Silva,

Raquel Henriques. (2002). (Coord.). Fórum Internacional de Redes de Museus. Lisboa: Rede Portuguesa de Museus.

Arruda, Angela. (2002). Teoria das representações sociais e teorias do género. In: Cadernos de Pesquisa, n.º 117, p. 127-147. In: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/267/26701403.pdf> Consultado em 13 de Junho de 2008.

Barreno, Maria Isabel. (1985). O falso neutro: um estudo sobre a discriminação sexual no ensino. Lisboa: Edições Rolim.

Bereni, Laire; Chauvin, Sébastien; Jaunait, Alexandre; Revillard, Anne; (2008). Introduction aux Gender Studies: manuel des études sur le genre. Paris: Éditions De Boeck Université.

Casares, Aurelia Martín. (2008). Antropología del género. Culturas, mitos y estereotipos sexuales. Madrid: Ediciones Cátedra.

Foucault, Michel. (2001). História da sexualidade. Vol. 1. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Moutinho, Mário. (1989). Museus e sociedade. In: Cadernos de Património, 5. Museu Etnográfico do Monte Redondo.

Santos, Boaventura Sousa. (2002). Introdução a uma ciência pós-moderna. Porto: edições Afrontamento.

Scott, Joan W. (1986). Gender: a useful category of historical analysis. The American Historical Review. Vol. 91. N.º 5 (Dez. 1986), pp.1053-1075. In: <http://www.jstor.org/>. Consultado em 16 de Junho de 2008.

Stolcke, Verena. (2000). Es el sexo para el género lo que la raza para la etnicidad y la naturaleza para la cultura? In: Política y cultura n.º 014. Xochimilco: UniversidadAutónomaMetropolitana.” <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/267/26701403.pdf> Consultado em 20 de Outubro 2008. (Publicação original de 1990).

Trillo-Figueroa, Jesús. (2009). La ideología del género. Espanha: Libros Libres.

Tubert, Sílvia. (Ed.). (2003). Del sexo al género. Los equívocos de un concepto. Universidad de València: Ediciones Cátedra.